

# Pronto para captar dinheiro externo

O Brasil está se preparando para retomar as captações no mercado internacional, disse ontem o presidente do Banco Central, Armínio Fraga. Segundo ele, é difícil definir o momento exato, mas "a idéia é começar depois deste mês", quando o programa econômico brasileiro tiver sido aprovado pela direção do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O governo estuda duas possibilidades: a captação pura e simples de recursos através de um consórcio de bancos, e o lançamento de bônus com correção cambial, a exemplo do que foi feito recentemente pelo México e pelas Filipinas. Na estimativa do presidente do BC, cada um dos dois instrumentos permitiria a captação de US\$ 1 bilhão.

Nas sondagens que tem feito no mercado internacional, Fraga percebeu o interesse de alguns bancos em participar de uma operação consorciada de empréstimo ao País. Nesses casos, o valor a ser emprestado é rateado por um grupo de bancos.

Já os bônus com correção cam-

bial teriam rendimento máximo equivalente à taxa Selic (dos títulos públicos emitidos em reais) menos um desconto, que Armínio não quis estimar; e um mínimo equivalente à taxa do mercado interbancário de Londres (Libor) mais juros adicionais de 1%.

## ROLAGEM

Fraga disse que os bancos internacionais dão indicações de que voltarão a refinanciar (rolar) os empréstimos feitos a empresas nacionais. Dos seis maiores bancos americanos, o Bank of America e mais quatro, que Armínio recusou-se a nominar, anunciaram ao BC que vão manter suas linhas de crédito ao País; e o sexto se comprometeu a aumentar os empréstimos. "Os bancos europeus e japoneses costumam decidir em bloco", disse o presidente do BC.

Desde a eclosão da crise na Rússia, em agosto do ano passado, os credores externos vêm se recusando a rolar esses compromissos, o que tem contribuído para a saída de dólares do país. Na estimativa

de Armínio Fraga, a posição dos bancos internacionais no Brasil reduziu-se a menos de 60% do que era antes da crise na Rússia.

Fraga recorreu à sua experiência no mercado internacional para explicar por que os capitais externos voltarão ao País. Para o investidor externo, disse ele, os indicadores que interessam conhecer são a dívida pública como proporção do Produto Interno Bruto (PIB) e os déficits no balanço de pagamentos. A trajetória desses indicadores foi sancionada com o acordo com o FMI.

A dívida interna, equivalente a cerca de 50% do PIB, cairá em consequência da combinação de quatro fatores: o superávit primário das contas públicas (receitas menos despesas, exceto juros), da ordem de 3,1% do PIB; a privatização; a queda da taxa de juros real (descartada a inflação); e a queda da taxa de câmbio (que corrige parte da dívida). As receitas de privatização e investimentos externos da ordem de US\$ 17 bilhões serão suficientes para financiar os déficits no balanço de pagamentos.